

CORTE MANUAL DA CANA-DE-AÇÚCAR SOB UMA PERSPECTIVA DE GÊNERO: UM ESTUDO DE CASO NO MUNICÍPIO DE MIRANDÓPOLIS-SP

Alessandra Juliana Caumo¹

Bruno Astolphi Montagnhan²

Juliane Tramontin³

Pery Francisco Assis Shikida⁴

RESUMO

Este artigo tem por objetivo identificar as características socioeconômicas dos trabalhadores do corte manual da cana-de-açúcar no município de Mirandópolis-SP, a partir de uma perspectiva de gênero. Mais especificamente, é analisada a conduta das mulheres inseridas nesse contexto profissional dentro do espaço familiar. Quanto ao instrumento de coleta de dados, foram aplicados 40 questionários semiestruturados a homens e mulheres que trabalhavam no corte da cana e residiam no município em questão. Como resultado, observou-se várias diferenças quanto às características pessoais, socioeconômicas e de saúde entre os sexos. As diferenças mais pertinentes foram: a média de idade das mulheres ser superior a dos homens, a produtividade no corte da cana e nível de escolaridade femininas serem menores do que a masculina. Também identificou-se várias mudanças positivas e negativas nas relações intrafamiliares após a inserção das mulheres canavieiras no mercado de trabalho.

Palavras-chave: Gênero. Trabalho. Cortadoras de Cana.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo identificar as características socioeconômicas dos trabalhadores do corte manual da cana-de-açúcar no município de

¹ Economista, Mestranda em Desenvolvimento Regional e Agronegócio pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Bolsista da Fundação Araucária. *E-mail:* alecaumo@hotmail.com.

² Economista, Mestrando em Desenvolvimento Regional e Agronegócio pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. *E-mail:* brunoastolphi@hotmail.com.

³ Administradora, Mestranda em Desenvolvimento Regional e Agronegócio pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. *E-mail:* jutramontin@hotmail.com.

⁴ Economista, Doutor em Economia Aplicada pela ESALQ/USP. Pós-Doutor pela FGV/SP. Professor Associado da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq. Professor do Programa de Mestrado em Economia Regional da Universidade Estadual de Londrina (UEL). *E-mail:* peryshikida@hotmail.com.

Mirandópolis-SP, a partir de uma perspectiva de gênero. Mais especificamente é analisada a conduta das mulheres inseridas nesse contexto profissional dentro do espaço familiar.

Segundo Scott (1994, p. 13), “[...] gênero é a organização social da diferença sexual”. Muito mais que a simples e imutável diferença sexual entre homens e mulheres, refere-se ao saber que envolve a organização social das relações entre os dois. Sua principal característica é a mutabilidade, visto que a organização social e as relações de poder podem variar de acordo com as culturas, as diferentes sociedades e o tempo.

A Economia Política de Gênero é um campo da Economia que vem ganhando corpo desde a década de 1950 e considera que as diferenças de gênero e de relações culturais de cada grupo (masculino e feminino) na sociedade produzem efeitos significativos sobre os agentes econômicos (famílias, empresas e mercados). Diferente da Teoria Clássica e Neoclássica, a Economia Política de Gênero inclui, em seus modelos econômicos, elementos factíveis de transformação na sociedade, como as questões de gênero, que podem provocar mudanças de comportamento dos agentes e, conseqüentemente, sobre a esfera econômica (KON, 2002).

Há indícios de que no século XVIII a mulher já contribuía, através do seu trabalho, para o incremento do produto da economia rural, embora houvesse uma nítida divisão de tarefas entre os sexos. As Primeira e Segunda Guerras Mundiais forçaram as mulheres a assumirem definitivamente a posição do homem no mercado de trabalho, tanto no trato com a terra quanto na indústria, uma vez que os homens seguiam rumo ao conflito e muitos deles nem voltavam (COLEMAN, 1997).

No Brasil, a participação da mulher no mercado de trabalho intensificou-se a partir da década de 1970, como consequência da expansão da economia nacional e o intenso processo de industrialização e urbanização (HOFFMAN; LEONE, 2004). Nos últimos anos, acompanhando a mesma trajetória de outros países desenvolvidos e em desenvolvimento, observa-se uma tendência de aumento na taxa de ocupação da mulher no mercado de trabalho em setores genuinamente masculinos, embora ainda revestidos de um caráter volúvel e de menor remuneração (BRUSCHINI, 1995). Suas atividades vão desde cargos de liderança em grandes empresas e na esfera pública até ofícios caracterizados pela insalubridade e pela necessidade de força física, como no corte manual da cana-de-açúcar.

A cana-de-açúcar ocupa cerca de 7 milhões de hectares ou cerca de 2% de toda a terra arável do país, dando ao Brasil o título de maior produtor mundial, seguido por Índia, Tailândia e Austrália. Na safra 2008/2009, a produção foi de 569 milhões de toneladas (UNICA, 2010). O Estado de São Paulo detém 61% da produção nacional e abriga 196 usinas e destilarias das 432 existentes no país (MAPA, 2010). No ano de 2009, o setor empregou, aproximadamente, 150 mil pessoas somente no corte manual da cana-de-açúcar no estado, dos quais aproximadamente 15% eram mulheres (RAIS, 2009).

A prática da queima da palha da cana-de-açúcar é necessária para facilitar a colheita manual da planta, no entanto os impactos negativos vão desde doenças

afetando a saúde da população até danos ao meio ambiente das zonas canavieiras. Em São Paulo, a Lei Estadual nº 11.241/2002 proíbe a queima gradativa da cana-de-açúcar até 2031, mas um acordo entre a União da Indústria de Cana-de-Açúcar (UNICA) e o governo paulista reduziu esse prazo para no máximo 2017 (RIBEIRO; FICARELLI, 2010). De acordo com a União dos Produtores de Bioenergia (UDOP, 2010), da safra 2007/2008 na região onde se encontra o município de Mirandópolis, 47% da cana foi colhida por meio de maquinários. Na safra 2008/2009 esse percentual aumentou para 56%.

Assim, a mecanização da colheita cria um clima de incerteza entre os trabalhadores rurais do setor, uma vez que altera o perfil do empregado, criando, em vez das atuais vagas de cortadores manuais, oportunidades que exigem maior alfabetização e qualificação como motoristas, mecânicos, soldadores, condutores de tratores e colheitadeiras, entre outros (MORAES, 2007). Devido à grande contribuição da agroindústria canavieira para a economia brasileira e para a geração de empregos nos pequenos municípios que tem sua economia baseada nesse setor (SHIKIDA et alii, 2008), a importância desse trabalho reside também em fornecer elementos (mesmo com a limitação de um estudo de caso) para políticas públicas de inclusão social para ambos os sexos, a fim de que essa população não seja marginalizada pela mecanização da colheita. Especificamente, permite conhecer as características das mulheres cortadoras de cana, e levantar subsídios à criação de alternativas de emprego para esta população que, culturalmente, é excluída do trabalho agropecuário mais especializado, tecnificado e mecanizado, no qual a cana-de-açúcar está se inserindo.

Isto posto, este artigo está estruturado em seis seções, incluindo esta introdução. Na segunda seção é feita uma breve caracterização dos aspectos econômicos e sociais do município de Mirandópolis-SP. Na terceira seção é apresentada uma revisão de literatura sobre a perspectiva de gênero no mercado de trabalho. Na quarta seção são descritos os procedimentos metodológicos e, na quinta, os resultados obtidos e a discussão da pesquisa. Por fim, na sexta seção, seguem as conclusões.

ASPECTOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DO MUNICÍPIO DE MIRANDÓPOLIS

Conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Estado de São Paulo possui 15 mesorregiões. Mirandópolis é um dos 35 municípios que compõem a mesorregião de Araçatuba: uma das seis regiões produtoras de cana-de-açúcar do estado. O município de Mirandópolis foi elevado à categoria de município com essa denominação pelo Decreto-Lei nº. 14334, de 30 de novembro de 1944, desmembrado dos municípios de Valparaíso, Andradina, Pereira Barreto e Araçatuba. A cidade está dividida em 3 distritos: Mirandópolis (sede), Amandaba e Três Alianças. Possui uma área de 918 km² (representa aproximadamente 0,07% do estado) e está distante 538 km da capital São Paulo. A população atual é de 27.483 habitantes (IBGE, 2010).

O último Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M 2000) de Mirandópolis foi de 0,797 e, segundo a classificação do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), o município está entre as regiões consideradas de médio desenvolvimento humano (PNUD, 2000). O Produto Interno Bruto (PIB) em 2007 foi de R\$ 214.161 a preços correntes, e o PIB *per capita* R\$ 8.285 (IBGE, 2008a). No mesmo ano Mirandópolis produziu 546.000 toneladas de cana-de-açúcar em 7.056 hectares, o que correspondeu a 67% do total colhido em todas as lavouras no município (IBGE, 2008b).

A cana começou a ser cultivada de forma intensiva na região somente a partir da década de 1980. Antes disso, o café, o algodão e a pecuária bovina de corte ocuparam as terras agricultáveis da região. Vários foram os programas que contribuíram para a expansão da cana-de-açúcar na região: O Programa Nacional do Alcool (PROÁLCOOL) em 1975 (em termos nacionais), o Plano de Desenvolvimento Agrícola do Oeste de São Paulo (PRÓ-OESTE) e o Programa de Expansão da Canavicultura para a Produção de Combustível do Estado de São Paulo (PROCANA) em 1980 (em âmbito estadual), e o Plano Regional de Produção do Alcool em 1979 (em nível regional). O discurso era de que a região possuía terras com condições propícias para o cultivo da planta, mas estava sendo utilizada de forma extensiva pela pecuária, utilizando pouca tecnologia e pouca mão de obra, o que impedia o desenvolvimento da região. Assim, os Programas “convenceram” os pecuaristas a aderirem à cana-de-açúcar, o que resultou na construção de várias destilarias na região, cujos investimentos foram todos 100% financiados pelo Sistema Nacional do Crédito Rural (SNCR) (FERREIRA JÚNIOR; HESPANHOL, 2006; BINI, 2009a e 2009b, ESPÍRITO SANTO, 2005).

A partir de então, a expansão da cultura só fez aumentar. Em estudo, Montagnhani et alii (2009) mostraram que a economia de Mirandópolis é altamente dependente da agroindústria canavieira. Dados seus efeitos multiplicadores sobre o emprego e a renda, o setor interrompeu o processo de decréscimo da população e estimulou atividades não diretamente relacionadas a ele, como os setores de alimentos, vestuário, serviços em geral, construção civil, entre outros, incentivando a oferta desses serviços e, conseqüentemente, a demanda por trabalhadores. Direta e indiretamente, a agroindústria canavieira é responsável por gerar grande parte dos empregos formais no município.

O MERCADO DE TRABALHO SOB UMA PERSPECTIVA DE GÊNERO

De acordo com a teoria neoclássica, a decisão de “ofertar trabalho” é tomada em um contexto de maximização da utilidade dos indivíduos, em função das quantidades de bens e de horas de lazer que os indivíduos desejam adquirir. Dessa forma, todo indivíduo possui uma Taxa Marginal de Substituição de Bens por Lazer, ou seja, um salário reserva, em que o indivíduo exige uma remuneração adicional para abrir mão de uma hora de lazer quando está trabalhando. Com isso, o indivíduo participa da força de trabalho sempre que o salário de mercado exceder o seu salário reserva. De acordo com essa teoria, diversos fatores podem afetar a oferta de trabalho feminino, por exemplo: as mulheres com crianças em

casa tendem a ter um salário menor de reserva do que aquelas que não têm filhos. Nesse caso, a taxa salarial para mães com filhos teria de ser maior para compensá-las a terem de dedicar menos tempo aos filhos ou para possibilitar acesso a uma creche (SCORZAFAVE; MENEZES-FILHO, 2001; BERNDT, 1996).

Assim, no mercado de trabalho as mulheres enfrentam condições diferenciadas e desvantajosas em relação ao trabalho masculino (KON, 2007). As oportunidades oferecidas a ambos os sexos decorrem, em grande parte, da consideração sobre o papel da mulher na sociedade, no âmbito familiar e doméstico; a capacidade de conciliar o trabalho profissional com o domiciliar; e com a qualificação ou capacitação para exercer ocupações de maior responsabilidade (BRUSCHINI, 1995).

No Brasil, a participação da mulher no mercado de trabalho intensificou-se somente a partir da década de 1970 com a expansão da economia, com o acelerado processo de industrialização e com a crescente urbanização. Com a abertura econômica, nas décadas de 1980 e 1990, muitas indústrias ficaram expostas à concorrência internacional, eliminando uma massa de empregos de todos os tipos. Por outro lado, a terceirização da economia ampliou as ocupações ligadas a serviços sociais, serviços pessoais, administrativos e comércio de mercadorias, ocupações em que as mulheres têm maior espaço de atuação (LEONE, 2000).

Para Hoffman e Leone (2004), as mudanças no perfil das trabalhadoras acompanham o aumento da sua participação no mercado de trabalho. Na década de 1970, as trabalhadoras eram, na sua maioria, jovens, solteiras e pouco escolarizadas. Nas décadas de 1980 e 1990 cresce a taxa de participação de mulheres não muito jovens, com idade acima dos 25 anos, chefes e cônjuges, com níveis de escolaridade mais elevados e o nível de renda não muito baixo. O trabalho de Bruschini (2006) mostra que o perfil dessas trabalhadoras é de mulheres mais velhas, casadas e mães, revelando uma nova identidade feminina e voltada tanto para o trabalho quanto para a família. Para a autora, isso indica a continuidade de modelos familiares tradicionais, modelos que sobrecarregam as novas trabalhadoras, principalmente as que são mães de filhos pequenos, em virtude do tempo consumido em seus cuidados.

Na agricultura, as mulheres ocupavam uma posição subordinada à dos homens, principalmente no que se refere à qualidade das ocupações, e ainda continuam, concomitantemente, responsáveis pelos afazeres domésticos e pela educação dos filhos. Seu trabalho era considerado como “ajuda”, mesmo trabalhando tanto quanto os homens ou quando executam as mesmas atividades (BRUMER, 2004; LOMBARDI, 2006).

Nas últimas décadas, o trabalho das mulheres na agricultura tornou-se mais visível, ampliando e aprofundando o seu envolvimento na produção agrícola e nas oportunidades econômicas manifestadas na agricultura comercial, apresentando uma tendência de “Feminização da Agricultura”. De modo geral, esse termo refere-se à crescente participação das mulheres na força de trabalho agrícola, seja exercendo atividades de produção independente, familiares não remuneradas ou assalariadas (LASTARRIA-CORNHIEL, 2008).

Com o processo de modernização que ocorreu na agricultura, mudanças ocorreram no interior da família. No modelo de produtor colono do século XIX, as famílias se instalavam em propriedades e estabelecia-se um contrato entre marido e fazendeiro. A figura feminina estava ligada às atividades domésticas e às atividades do campo, e, assim, essas mulheres eram vistas pelos donos da terra como possíveis geradoras de mão de obra. Com a mudança do modelo agrícola estabelecido pela modernização da agricultura, o homem deixa de ser um ordenador político, social e econômico da família e torna-se apenas mais um membro dessa família que necessita vender sua força de trabalho, ou seja, que necessita se assalariar (PEREIRA; RUMIN, 2008).

Dessa forma, constitui-se a figura do bóia-fria e cria a condição de um trabalhador rural distante de suas origens, que busca a remuneração de seu trabalho, estabelecendo uma relação de produção (D'INCAO, 1975). Assim, os proprietários de terras não se interessam pelo modelo de famílias colonas, mas pelos assalariados que passam a receber determinadas quantias pela sua produção: processo esse também encontrado no corte manual da cana-de-açúcar (PEREIRA; RUMIN, 2008).

No corte manual da cana-de-açúcar, os trabalhadores contratados são avaliados através de características físicas capazes de alterar o desempenho da atividade, como: força muscular, porte físico, idade, sexo e habilidade no corte. A soma dessas características faz do trabalhador um cortador de baixa, de média ou de alta produção (VALENÇA, 2007). Nessa seleção são excluídos os adultos com mais de 50 anos e as mulheres. A exclusão da mulher na atividade canavieira está relacionada com a visão do gênero frágil, incapaz de executar certas tarefas e, principalmente, com relação ao aumento de custos de uma possível gestação (MOREIRA et alii, 2001). Por hora, a discriminação de sexo pode ser minimizada através dos sindicatos que, frequentemente, exigem que os empresários contratem uma cota de mulheres por turmas de trabalhadores (NOVAES, 2009). Depois de contratados, homens e mulheres não sofrem nenhum tipo de discriminação em relação à remuneração, pois o rendimento depende da capacidade e da habilidade individual dos trabalhadores (ROSSINI, 2006).

METODOLOGIA

Do ponto de vista dos seus objetivos, a presente pesquisa se classifica como descritiva, com procedimentos com os quais se busca descobrir a natureza e as características da população em estudo com a maior precisão possível (CERVO; BERVIAN, 1996). Quanto à forma de abordagem do problema, adotou-se a pesquisa interativa entre dados quantitativos e qualitativos. De acordo com Oliveira (2007), a primeira usa medidas numéricas e quantificáveis e a segunda examina aspectos subjetivos e incomensuráveis do objeto em estudo. A união de ambas permite maior compreensão do fenômeno, dando credibilidade e validade aos resultados.

No que se refere aos procedimentos técnicos, a pesquisa se classifica como um estudo de caso do município de Mirandópolis-SP. Como estudo de caso, na descrição de Severino (2007), esse tipo de pesquisa concentra esforços na investigação de um cenário particular de modo a ter um amplo conhecimento sobre o objeto/local estudado.

Quanto ao instrumento de coleta de dados, foram aplicados 40 questionários semiestruturados, com questões abertas e fechadas, aos trabalhadores do corte manual da cana-de-açúcar residentes no município de Mirandópolis-SP durante os meses de agosto e setembro de 2010. Os questionários abrangeram três blocos temáticos: 1) Perfil do Entrevistado e Composição Familiar, 2) Condições Socioeconômicas e de Saúde e 3) Características da Mulher e seu Papel nas Decisões Intrafamiliares.

Os dois primeiros blocos, que totalizam 68 questões, foram respondidos pelos entrevistados de ambos os sexos, e o terceiro bloco, com 9 questões, foi respondido apenas pelo sexo feminino. A fim de se ter uma base de comparação, as entrevistas utilizaram-se de uma amostra não probabilística por quotas segundo o gênero: 50% de entrevistadas do sexo feminino e 50% de entrevistados do sexo masculino. Dentro de cada grupo, a escolha dos entrevistados se deu de forma intencional, baseada na acessibilidade, em que, de acordo com GIL (2006, p. 104), “[...] o pesquisador seleciona os elementos a que tem acesso, admitindo que estes possam, de alguma forma, representar o universo.”

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A primeira etapa do estudo consistiu em identificar as características pessoais e familiares dos trabalhadores do corte manual da cana-de-açúcar, de modo a distinguir e a comparar o perfil entre os sexos envolvidos na atividade e que residem no município de Mirandópolis-SP.

A média de idade das mulheres cortadoras foi superior à média de idade dos homens que exercem a mesma função: 37,9 e 32,1 anos, respectivamente. Dos entrevistados, metade dos homens possuíam de 20 a 30 anos de idade, enquanto as mulheres nessa faixa etária eram apenas 4. As mulheres, na maior parte (9), possuíam de 31 a 40 anos de idade. Na faixa etária de 41 a 50 anos, ambos os sexos tinham 6 representantes, e de 51 a 60 anos uma mulher ainda permanecia na atividade. Nota-se que a inserção das mulheres no corte da cana-de-açúcar ocorre em idade mais avançada do que a dos homens, porém elas permanecem atuando na atividade até uma faixa etária mais avançada comparado a eles. Desde crianças, coube a essas mulheres a responsabilidade de cuidar das atividades domésticas, o que explica a introdução tardia no mercado de trabalho. À medida que as mulheres mais jovens da família cresceram e assumiram esse papel, as mulheres mais velhas foram liberadas para o trabalho fora do lar (Gráfico 1).

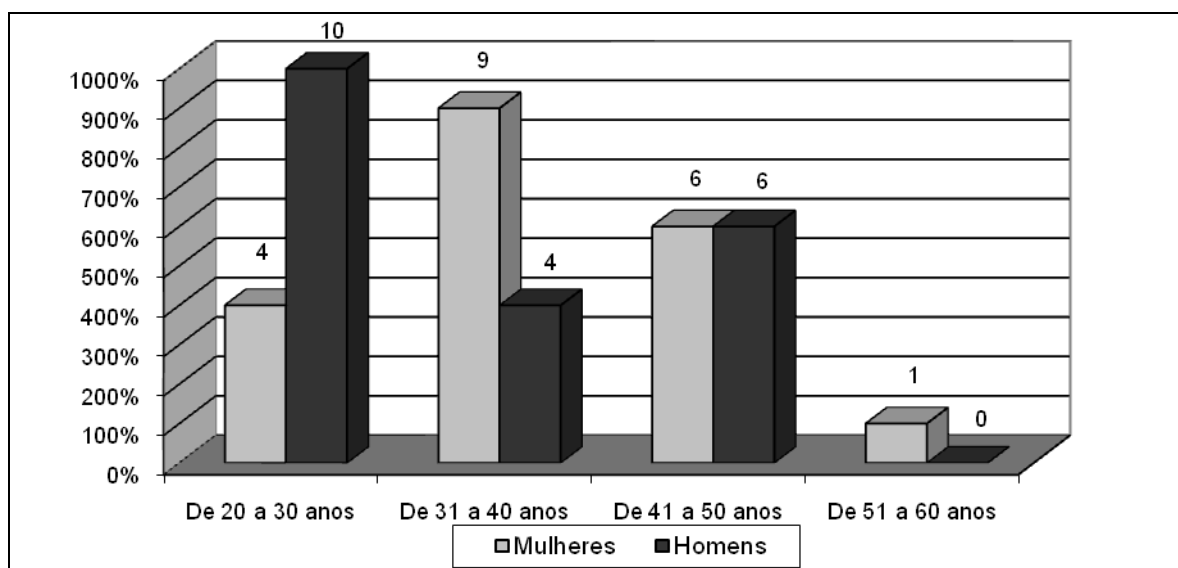


Gráfico 1 – Proporção dos trabalhadores inseridos no corte manual da cana de-açúcar no município de Mirandópolis segundo o sexo e faixa etária.

Fonte: Dados da pesquisa.

Quanto à raça/cor dos trabalhadores, observou-se a predominância de brancos e de pardos, tanto entre os homens quanto entre as mulheres. No grupo feminino, 11 se declararam brancas e 9 pardas; já no grupo masculino 9 se consideraram brancos, 9 pardos e 2 negros. Outro tópico da pesquisa que permitiu identificar diferenças entre homens e mulheres foi quanto ao estado civil: entre os homens, 16 eram solteiros, 3 casados ou unidos (amasiados) e 1 viúvo; entre as mulheres, 8 eram divorciadas, 5 eram casadas ou unidas (amasiada), 3 solteiras e 1 viúva. O estado civil da mulher pode ser um fator importante para a sua inserção no mercado de trabalho. As mulheres divorciadas são mais ativas e mais propensas a encontrarem emprego. Ademais, na ausência do homem, o sustendo da casa e dos filhos é de responsabilidade da mulher, o que explica maior predominância de mulheres divorciadas dentre as trabalhadoras entrevistadas (Gráfico 2).

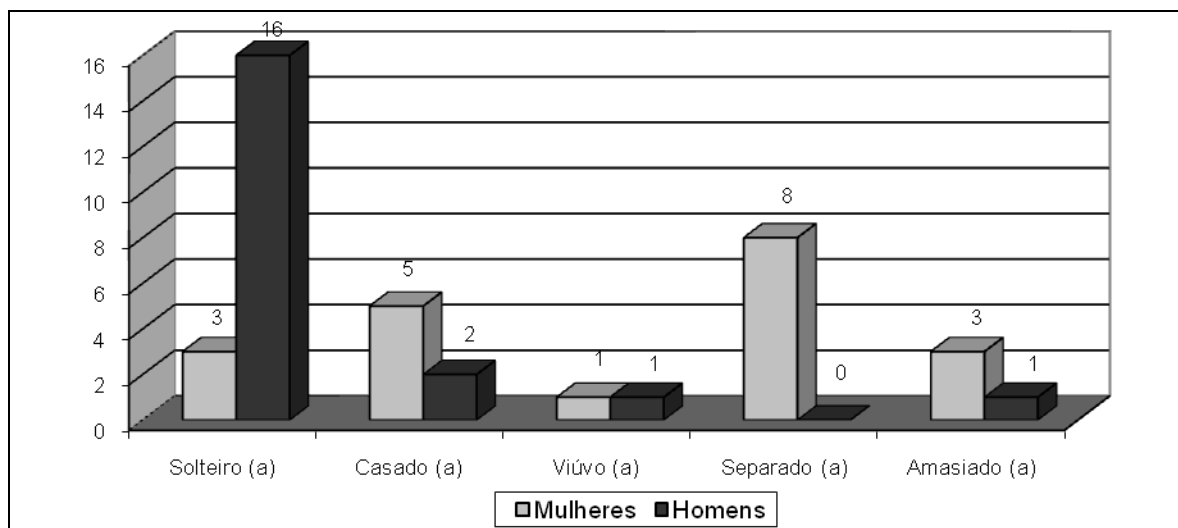


Gráfico 2 – Proporção de trabalhadores do corte manual da cana-de-açúcar no município de Mirandópolis segundo o sexo e estado civil.

Fonte: Dados da pesquisa.

As mulheres, na sua maioria (11), eram naturais de Mirandópolis. Das mulheres migrantes, 3 se mudaram para o município exclusivamente motivadas pelo corte da cana. Por outro lado, apenas 5 homens eram naturais de Mirandópolis, os outros 15 entrevistados eram migrantes. Desses, 9 se mudaram para o município exclusivamente para trabalhar nos canaviais. Os estados de origem desses trabalhadores são Minas Gerais, Sergipe, Pará, Alagoas, Bahia, Tocantins, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Um fato curioso é que, apesar da intensa mecanização da lavoura canavieira há alguns anos, 62,5% dos trabalhadores migrantes, entre homens e mulheres, se mudaram para o município há menos de 5 anos. Para Martine e Peliano (1978), a busca por oportunidades socioeconômicas é apresentada como um dos principais fatores que impulsionam as migrações, ou seja, os diferenciais de salários entre as regiões determinam as regiões que perdem ou ganham contingente populacional. Segundo os dados dos Censos Demográficos do IBGE, no período anterior ao início das atividades da agroindústria canavieira em Mirandópolis (1970-1980), o município apresentava perda de população total (-8,6%), enquanto a média da mesorregião obteve ganho (2,0%). Considerando o período posterior ao início das atividades da agroindústria canavieira (1980-2010), notou-se um acréscimo de 27,7% de população total, enquanto a média da mesorregião foi de 41,6% no mesmo período.

Com relação à produtividade dos trabalhadores entrevistados, como esperado neste setor, os homens cortam, em média, 374,3 metros de cana-de-açúcar por dia de trabalho, quantidade bem superior ao rendimento das mulheres, que é de 216,5 metros por dia. O maior índice individual de produtividade apresentado entre os homens foi de 500 metros/dia e o menor, 60 metros/dia. Entre as mulheres, esses rendimentos foram de 300 e 150 metros/dia,

respectivamente. As características individuais dos cortadores de maior e menor produtividade estão apresentadas de forma resumida na Tabela 1.

Tabela 1 – Características individuais dos trabalhadores de maior e menor produtividade inseridos no corte manual da cana-de-açúcar segundo sexo.

	Homens	Mulheres
Maior produtividade	500 metros/dia	300 metros/dia
	Idade: 22 anos	Idade: 41 anos
	Estado civil: Solteiro	Estado civil: Separada
	Raça/cor: Parda	Raça/cor: Branca
	Filhos: 0	Filhos: 0
	Tempo de estudo: 7 anos	Tempo de estudo: 8 anos
	Origem: Tocantins	Origem: Mirandópolis
	Trabalho na cana: 2 anos	Trabalho na cana: 10 anos
Menor produtividade	60 metros/dia	150 metros/dia
	Idade: 49 anos	Idade: 32 anos
	Estado civil: viúvo	Estado civil: Solteira
	Raça/cor: Negro	Raça/cor: Branca
	Filhos: 1	Filhos: 0
	Tempo de estudo: 0 anos	Tempo de estudo: 4 anos
	Origem: Alagoas	Origem: Mirandópolis
	Trabalho na cana: 29 anos	Trabalho na cana: 4 anos

Fonte: Dados da pesquisa.

Os dados sugerem que, neste setor, o que conta para a produtividade do homem é o fato dele ser jovem, já para as mulheres o que mais contribui para a sua produtividade é a sua experiência no setor, pois contrariamente quem menos produziu foi um homem mais velho e com mais experiência e uma mulher mais jovem com menos experiência. A pesquisa possibilitou também identificar que, em média, os trabalhadores permanecem 15,09 anos na atividade e, após esse período, a produtividade diária tende a diminuir.

Antes de iniciar o trabalho com a cana-de-açúcar, as mulheres exerciam tarefas como diarista, empregada doméstica, camareira, garçõnete ou eram donas

de casa. Os homens, na maioria dos casos, trabalhavam em atividades rurais em fazendas ou, ainda, atuavam como servente de pedreiro, como guarda noturno, dentre outros. Todos deixaram suas antigas atividades por vislumbrares maiores salários no trato com a cana-de-açúcar. De acordo com os entrevistados, caso não estivessem inseridos no corte da cana, provavelmente exerceriam atividades de domésticas em casas de famílias, no caso das mulheres, e atividades agrícolas diferenciadas ou trabalhando na informalidade, no caso dos homens. Essas são as atividades nas quais os trabalhadores se ocupavam nos períodos de entressafra, de dezembro a abril, costumeiramente.

Na segunda etapa, muitos aspectos com relação às condições socioeconômicas e de saúde dos trabalhadores foram levantados e que permitiram identificar várias diferenças entre os sexos. Com relação ao grau de educação formal, os dados mostraram que se trata de uma mão de obra de baixa escolaridade e que as mulheres possuem ainda menos anos de estudos do que os homens. No grupo feminino, a média foi de 5,45 anos de estudos, enquanto que no grupo masculino a média foi de 7,05 anos de estudos. A maior parte das mulheres entrevistadas (11) tinha apenas até a 4ª série do Ensino Fundamental e apenas uma entrevistada havia concluído o antigo Segundo Grau, atual Ensino Médio. Por outro lado, 16 homens tinham de 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental, e também apenas um dos entrevistados havia terminado o Ensino Médio. Somente um entrevistado do sexo masculino, que nunca frequentou a escola, admitiu não saber ler nem escrever. Como não é novidade, a principal razão encontrada para a evasão escolar nessa classe de trabalhadores foi a necessidade de ter que contribuir, através da sua força de trabalho, para com as despesas da casa e, em alguns casos, a desistência aconteceu também pelo desinteresse e pela falta de perspectivas com relação aos estudos.

Os adeptos da Teoria do Capital Humano têm apontado a educação como a principal ferramenta para a redução da pobreza e da desigualdade de renda entre as classes sociais (SCHULTZ, 1973). Quando se trata de redução da desigualdade entre os sexos, estudos como o de Rosemberg e Amado (1992, p. 66) mostram que a escola possui pouca importância, visto que o sistema tende a reproduzir “estereótipos sexuais tradicionais, dicotomizados e bipolarizados”, ou seja, a escola reproduz, involuntariamente, o sexismo e a dominação patriarcal presente na sociedade. Contrariamente, Beltrão e Alves (2004) afirmam que o aumento da educação das mulheres contribui para o acesso destas a melhores empregos e salários, aumento da autonomia feminina e conseqüentemente diminuição das desigualdades de gênero na família.

No que se refere às fontes de remuneração, nenhum dos entrevistados exerce outra atividade remunerada se não o corte manual da cana-de-açúcar. Essa atividade ocupa 8 horas diárias e 6 dias por semana dos trabalhadores. Todos recebem de um a dois salários mínimos (considerando que o salário mínimo equivale a R\$510,00), porém a renda familiar das mulheres aparentou ser mais elevada do que a dos homens: 18 delas possuíam renda familiar de dois a três salários mínimos, enquanto apenas 4 deles possuíam renda familiar de mesmo valor. Isso evidencia que a renda dessas mulheres tem caráter complementar à renda familiar (do parceiro e dos filhos), enquanto os homens, na grande maioria

solteiros, só contam com sua própria renda para se manterem. Percebeu-se também que as mulheres possuíam um maior número de pessoas dependentes da sua renda, sendo em média 2,5 pessoas por trabalhadora entrevistada, enquanto os homens tinham como dependentes apenas 1,4 pessoas por entrevistado.

Somente 3 entrevistados, sendo duas mulheres e um homem, eram beneficiários do Programa Bolsa Família iniciado em 2003 como uma proposta de transferência de renda do governo federal. Os outros trabalhadores não recebem por não possuírem filhos em idade escolar, ou por possuírem renda familiar superior ao estipulado pelo programa. De acordo com o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS, 2010), 1.029 famílias recebem o benefício no município de Mirandópolis.

Apenas uma entrevistada afirmou destinar aproximadamente 10% da sua renda para a formação de poupança. Isso leva a supor, segundo Keynes (1936), que a propensão marginal a consumir nessa população estaria muito próxima a 1, ou seja, praticamente toda a renda é destinada à satisfação das necessidades primárias desses indivíduos e de suas famílias. Nas palavras de Neri (1992, p. 43), “[...] o padrão mínimo de consumo encontra-se próximo do nível de subsistência”. Assim, os interesses e os motivos a poupar estão em segundo plano.

Pode-se notar ainda um maior grau de sindicalização entre as mulheres cortadoras de cana do que entre os homens. Das 20 mulheres entrevistadas, 18 eram filiadas ao Sindicato Rural de Mirandópolis. No grupo masculino, apenas 4 dos 20 entrevistados participavam. Estudos têm apontado o ativismo sindical como um importante instrumento de determinação salarial principalmente em setores concentrados que são mais tolerantes às reivindicações (ARBACHE, 2000), como é o caso do sucroalcooleiro, que, nos últimos anos, tem experimentado um aumento na concentração da produção (SHIKIDA et alii, 2008). Esse campo político predominantemente masculino passou a ser mais explorado pelas mulheres, segundo Boni (2004), somente a partir de meados da década de 1970, fruto da reforma sindical e a da formação de movimentos de mulheres. A partir de então, as questões de gênero que buscam proteção e igualdade de direitos às mulheres nas relações de trabalho passaram a ter maior importância nas discussões sindicais, o que justifica a maior sindicalização feminina.

No que concerne às mudanças institucionais e tecnológicas que vêm atingindo o setor sucroalcooleiro, e que tem impactos diretos sobre a mudança de perfil desses trabalhadores, os entrevistados foram interrogados sobre a importância da eliminação da queima da palha da cana-de-açúcar e da mecanização da colheita para a Usina em que eles trabalhavam. Nesse contexto, 50% afirmaram que essas mudanças eram importantes para a empresa como forma de ganhos de tempo e de produtividade e os outros 50% achavam que a empresa já ganhava o suficiente e não as achavam importantes. Todos os entrevistados disseram sentir-se ameaçados pela mecanização que, no Estado de São Paulo, já atinge quase 60% dos canaviais, no entanto, apenas uma trabalhadora afirmou participar de cursos profissionalizantes como forma de se

prevenir e enfrentar essa nova realidade. Os trabalhadores foram ainda unânimes ao aceitarem a proposta de continuar no corte manual da cana-de-açúcar sem ser queimada antecipadamente, mesmo que a produtividade, nesse caso, fosse menor.

Com relação à moradia, 3 dos homens entrevistados residem em casa própria, 6 moram de aluguel e 11 em casas disponibilizadas pela própria usina. As mulheres, por sua vez, 14 residem em casa própria, 5 em casa alugada e 1 em casa disponibilizada pela usina. Em relação à “posse de bens”, todos os entrevistados possuíam fogão a gás, telefone celular, televisão, geladeira e aparelho de som ou rádio.

A fim de se avaliar a consciência de seu estado mórbido, os trabalhadores foram indagados a classificar sua condição de saúde em ótima, boa, regular ou ruim. Das mulheres entrevistadas, 13 consideraram sua saúde ótima e 7 a consideraram boa. Por outro lado, apenas 2 homens consideraram sua saúde ótima e 6 como boa. A grande maioria, 12, avaliou sua atual condição de saúde como regular. A princípio, a razão para tal discrepância entre os sexos poderia estar na diferença de idade média entre eles, e no tempo médio que os entrevistados trabalhavam na atividade. Porém, como já observado, as mulheres apresentavam idade média superior a dos homens, e o tempo médio de anos de trabalho na atividade é quase o mesmo: 6,4 anos no caso das mulheres e 6,6 anos no caso dos homens. Alguns trabalhos, como o de Zucchi et alii (2000), têm apontado que a percepção com relação ao seu próprio corpo tem influência direta com o grau de instrução do indivíduo. Pessoas com níveis mais elevados de educação têm melhor conhecimento sobre os sintomas e os riscos das doenças, o que as levaria a classificar seu estado de saúde para níveis mais baixos. Assim, a diferença de percepção sobre o real estado de saúde entre os sexos poderia ser explicada pela diferença de tempo de estudo, em que os homens apresentam em média 1,6 anos a mais de estudos do que as mulheres.

Entre os entrevistados, 14 homens e 12 mulheres acham que a atividade “cortar cana” prejudica a sua saúde de alguma maneira. Nas repostas, a causa mais comum apontada é o sol forte e seus efeitos sobre o envelhecimento precoce da pele, o que levou 82,5% dos entrevistados a declararem o verão como a pior estação do ano para cortar cana. Nenhum dos trabalhadores recebeu algum tipo de treinamento para realizar a atividade e, apesar de todos relatarem utilizar instrumentos de segurança (como caneleira, boné, óculos de proteção, luvas e botas), 7 homens e 4 mulheres já se feriram durante o trabalho. A lesão mais comum são cortes nas mãos e nos braços provocados pelo facão.

Em relação aos hábitos de vida dos entrevistados, todos disseram acreditar em Deus, no entanto 15 homens não praticam nenhuma religião, 1 é católico e 4 são evangélicos. Das mulheres, todas afirmaram ter religião, sendo 14 católicas e 6 evangélicas. Entre as mulheres, 2 fazem uso de fumo e nenhuma faz uso de álcool. Entre os homens, esses números são de 12 e 15, respectivamente. Estudos indicam que a crença pode influenciar muito o estado de saúde dos indivíduos, fazendo-os menos pessimistas e mais cautelosos em relação à saúde. Isso explica porque as mulheres fumam e bebem menos que os homens.

Estudos como o de Andrade (2003) têm apontado forte relação entre o corte de cana e o uso de *crack*. A fim de corroborar tal afirmativa, os entrevistados

foram perguntados se já tinham feito ou se faziam uso dessa substância e, como era esperado, a resposta de todos foi negativa. Diferentemente, no entanto, ao serem perguntados sobre se conheciam alguém que fazia uso, 90% dos homens e, em menor proporção, 30% das mulheres afirmaram ter conhecimento de pessoas que trabalham na cana e fazem uso desse entorpecente como forma de suportar a lida.

Com o intuito de saber as condições do local onde os trabalhadores se alimentam, eles foram solicitados a dar uma nota de 0 a 10 em que, quanto maior a nota, maior o grau de satisfação com relação a esse local. O resultado foi uma média próxima a 8,5 para ambos os sexos. Utilizando essa mesma metodologia para avaliar o grau de felicidade dos entrevistados (em que 0 seria a condição de extrema infelicidade e 10 a condição de extrema felicidade) percebeu-se uma nota bastante elevada e muito próxima entre os sexos: 9,05 entre as mulheres e 9,45 entre os homens. Os fatores que trariam infelicidade mais citados pelos homens e mulheres são os mesmos: desemprego, medo de passar necessidades e doenças. Entre os homens, a "saudade de casa" também foi um item bastante citado, isso devido à grande proporção de trabalhadores vindos de outras regiões do país. Dentre os fatores mais citados pelos homens que contribui para a felicidade estão o emprego, a saúde e a família. Para as mulheres, esses fatores seriam Deus, família e saúde. Estudos como o de Rosado-Nunes (2005) e Woodhead (2002) confirmam que as mulheres investem mais em religião do que os homens. A explicação para isso está no fato de que a religião lhe proporciona um espaço social indisponível em outro local.

A última etapa da pesquisa objetivou identificar as características das mulheres trabalhadoras no corte manual da cana-de-açúcar e sua relação com o espaço familiar. Percebeu-se que as mudanças na dinâmica demográfica brasileira, especialmente a redução do número de filhos por mulher, também se faz presente neste setor. As trabalhadoras apresentaram uma média de 1,85 filhos por mulher, ou seja, abaixo do nível de reposição (2,1). Todas as mulheres entrevistadas com mais de 2 filhos (40% do total) fizeram uso de método contraceptivo, neste caso a esterilização, para não ter mais filhos. Para Rossini (2006), a redução do número de filhos é causa e consequência da maior quantidade de mulheres que podem se dedicar às atividades produtivas, contribuindo para a formação mais tardia da instituição familiar.

O trabalho fora de casa causou profundas mudanças na vida e na estrutura familiar dessas mulheres. A lida no corte da cana foi encarada por elas como uma forma de alcançar independência financeira e inversão na relação de poder intrafamiliar: 8 mulheres se tornaram "chefes de família" ao se separarem de seus parceiros depois de inseridas nesse mercado de trabalho. Grande parte das mulheres (14 delas) destina a renda obtida no corte da cana primeiramente à compra de alimentos, segundo à remédios, terceiro à roupas e calçados e, por último, ao lazer. Dessa forma, segundo Deere e León (2002), as mulheres tiveram maior capacidade de "empoderamento", ou seja, o direito de gerir suas próprias vidas a partir da divisão das responsabilidades no sustento familiar, que anteriormente era exclusiva do homem.

Paralelamente a isso as mulheres passaram a enfrentar a dupla jornada de trabalho, dedicando-se ao trabalho assalariado e doméstico, como destaca a entrevistada: *“acabo tendo menos tempo para a casa, o que antes eu tinha mais. Hoje preciso da ajuda dos meus filhos de 9, 15 e 19 anos para arrumar a casa e fazer comida”* (M.D.B., 37 anos, casada). Depois do trabalho e nos dias de folga, os homens tendem a sair para beber com os amigos, jogar futebol e/ou descansar. As mulheres, por sua vez, se dedicam aos serviços domésticos e poucas destinam algumas horas na semana para o lazer ou o descanso, fato também observado em trabalhos como o de Rossini (2006).

Apenas 2 mulheres (hoje divorciadas), das 20 entrevistadas, revelaram ter sofrido violência doméstica do tipo física por parte de seus antigos parceiros. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2010), uma em cada três mulheres já sofreu esse tipo de violência. Dessas 20 entrevistadas, no entanto, 90% delas disseram ter conhecido ao menos uma mulher que foi agredida pelo companheiro, o que induz a pensar que pode existir, também nesse grupo, alguma proporção de entrevistadas que ainda sofre violência doméstica de forma camuflada. De acordo com Saffioti (1997), isso não é “privilegio” apenas dessa classe social. Para a autora, de todos os fenômenos sociais, a violência doméstica seria o mais popular, visto que não escolhe classe, nível de educação, localização geográfica, cultura ou etnia.

Indagadas se sofriam algum tipo de discriminação por estarem inseridas nesse contexto profissional, 6 entrevistadas disseram que, às vezes, essa manifestação acontece, sim, não na sociedade, mas no próprio espaço do trabalho: *“algumas vezes somos chamadas de fracas por alguns homens porque cortamos menos, mas não é bem assim. Nós mulheres temos muita força”* (N.E., 49 anos, separada).

CONCLUSÕES

Este trabalho teve como objetivo identificar as características socioeconômicas dos trabalhadores do corte manual da cana-de-açúcar no município de Mirandópolis-SP, a partir de uma perspectiva de gênero. Mais especificamente, analisou-se as relações no espaço familiar das mulheres inseridas nesse contexto profissional.

No que se refere aos aspectos metodológicos, a pesquisa se classificou como um estudo de caso do município de Mirandópolis-SP, onde foram aplicados questionários semiestruturados, com questões abertas e fechadas, a homens e mulheres trabalhadores do corte manual da cana-de-açúcar. Os questionários abrangeram três blocos temáticos: 1) Perfil do Entrevistado e Composição Familiar, 2) Condições Socioeconômicas e de Saúde e 3) Características da Mulher e seu Papel nas Decisões Intrafamiliares.

Os resultados mostraram várias diferenças quanto às características pessoais, socioeconômicas e de saúde entre os sexos. A média de idade das mulheres foi 5,8 anos superior a dos homens. Nota-se que a inserção das mulheres no corte da cana-de-açúcar ocorre em idade mais avançada do que a dos homens,

porém elas permanecem atuando na atividade até uma faixa etária mais avançada comparado a eles.

Quanto ao estado civil, eles eram, na sua maioria, solteiros e elas separadas, o que mostra que as mulheres divorciadas são mais ativas e mais propensas a encontrarem emprego. Ambos eram predominantemente brancos, que deixaram suas antigas atividades por vislumbrarem maiores oportunidades de ganhos no corte da cana.

Os dados sugerem que, neste setor, o que conta para a produtividade do homem é o fato dele ser jovem, já para as mulheres o que mais contribui para a sua produtividade é a sua experiência no setor, pois contrariamente quem menos produziu foi um homem mais velho e com mais experiência e uma mulher mais jovem com menos experiência. Os homens cortavam, em média, 157,8 metros de cana diária a mais do que as mulheres.

Os homens apresentaram em média 1,6 anos a mais de estudos do que as mulheres. O aumento da educação das mulheres é uma importante ferramenta para o acesso destas a melhores empregos e salários, aumento da autonomia feminina e conseqüentemente diminuição das desigualdades de gênero na família.

De acordo com os entrevistados, caso não estivessem inseridos no corte da cana, provavelmente exerceriam atividades de domésticas em casas de famílias, no caso das mulheres, e atividades agrícolas diferenciadas ou trabalhando na informalidade, no caso dos homens. Essas são as atividades nas quais os trabalhadores se ocupavam nos períodos de entressafra, de dezembro a abril, costumeiramente.

Ambos possuem renda individual mensal de um a dois salários mínimos, porém a renda familiar das mulheres era mais elevada. Isso evidencia que a renda dessas mulheres tem caráter complementar à renda familiar (do parceiro e dos filhos), enquanto os homens, na grande maioria solteiros, só contam com sua própria renda para se manterem. Percebeu-se também que as mulheres possuíam um maior número de pessoas dependentes da sua renda.

Outra diferença entre os sexos diz respeito à participação sindical (ambiente em que as mulheres se mostraram mais ativas do que os homens), e em relação à avaliação do próprio estado mórbido (em que as mulheres se mostraram mais satisfeitas com sua atual condição de saúde). Neste contexto, 14 homens e 12 mulheres entrevistadas achavam que a atividade "cortar cana" prejudicava a sua saúde de alguma maneira.

As mulheres são mais crentes em Deus do que os homens, o que as tornam menos pessimistas e mais cautelosas em relação à saúde. Isso explica porque as mulheres fumam e bebem menos que os homens. Ainda, 18 homens e 6 mulheres afirmaram ter conhecimento de pessoas que trabalham na cana e fazem uso desse entorpecente como forma de suportar o trabalho.

A pesquisa também identificou várias mudanças positivas e negativas nas relações intrafamiliares após a inserção das mulheres canavieiras no mercado de trabalho. Dentre os pontos positivos destacam-se a maior independência financeira e a inversão na relação de poder intrafamiliar, e a maior capacidade de "empoderamento". No entanto, as mulheres passaram a enfrentar dupla jornada de trabalho, dedicando-se, constantemente, ao trabalho assalariado e doméstico.

Apenas 2 mulheres (hoje divorciadas), das 20 entrevistadas, revelaram ter sofrido violência doméstica do tipo física por parte de seus antigos parceiros. No entanto, 18 delas conheciam outras mulheres em passavam por essa situação.

Para trabalhos futuros sugere-se avançar na análise das políticas públicas voltadas à inclusão das mulheres no setor produtivo. Especificamente, propõe-se analisar os esforços que iniciativa pública e privada têm feito para evitar a marginalização dos trabalhadores do corte manual da cana-de-açúcar provocada pelo avanço da mecanização da colheita, bem como identificar os determinantes que levam homens e mulheres a inserir-se no corte da cana.

THE MANUAL CUT OF SUGAR CANE FROM A GENDER PERSPECTIVE: A CASE STUDY IN MIRANDÓPOLIS CITY (SP-BRAZIL)

ABSTRACT

This article intends to identify the socio-economical characteristics of the workers in sugar cane manual cut in Mirandópolis City (SP-Brazil), from a gender perspective. More specifically, the conduct of the women inserted in this professional context in the family scope is identified. About the instrument to collect the data, 40 semi-structured questionnaires were administered to men and women that work cutting sugar cane and live in Mirandópolis City. As a result, we have observed various differences about personal and sociocultural characteristics and about the health between the genders. The highlights were: the average age of women is higher than men, the productivity in the sugar cane cutting and female education levels are lower than male. We have also identified various positive and negative changes in the intra-family relationships after the insertion of the women as sugar cane workers in the labour market.

Keywords: Gender, Labour, Sugar Cane Cutters.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, A. F. de. **Cana e crack: sintoma ou problema?** Um estudo sobre os trabalhadores no corte de cana e consumo do crack. 2003. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC), São Paulo, 2003.
- ARBACHE, J. S. Determinação e diferencial de salários no Brasil. In: FONTES, R.; ARBEX, M. (Org.). **Desemprego e mercado de trabalho: ensaios teóricos e empíricos.** Viçosa: Editora da Universidade Federal de Viçosa (UFV), 2000. p. 125-184
- BELTRÃO, K. I.; ALVES, J. A reversão do hiato de gênero na educação brasileira no século XX. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 14, Caxambu, 2004. **Anais...** Belo Horizonte: Abep, 2004.

- BERNDT, E. The practice of econometrics: classic and contemporary. **Addison-Wesley Publishers**, p. 702, March 1996.
- BINI, D. L. de C. Histórico da expansão da pecuária bovina de corte na região de Araçatuba (SP). **Análises e Indicadores do Agronegócio**, São Paulo, v. 4, n. 5, maio 2009a.
- BINI, D. L. de C. Mudanças na composição das culturas agrícolas e a urbanização na região de Araçatuba, Estado de São Paulo. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 39, n. 5, maio 2009b.
- BONI, V. Poder e igualdade: as relações de gênero entre sindicalistas rurais – Chapecó/SC. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.12, n.1, 2004.
- BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Registros Administrativos**. RAIS, vários anos. CD-ROM.
- BRUMER, A. Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 205-227, jan./abr. 2004.
- BRUSCHINI, C. Desigualdades de Gênero no Mercado de Trabalho Brasileiro: o Trabalho da Mulher nos Anos Oitenta. FERNANDES, R. (Org.). **O trabalho no Brasil no limiar do século XXI**. São Paulo: Ed. LTr, 1995.
- BRUSCHINI, C. Trabalho doméstico: inatividade econômica ou trabalho não remunerado? In: 15º ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 2006, Caxambu. **Anais...** São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2006.
- CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 4. ed. São Paulo: Makron Books, 1996.
- COLEMAN, M. S. Women's Labor Force Participation in Historical Perspective. In: MUTARI, E.; BOUSHEY H.; FRAHER, W. (Orgs.). **Gender and political economy**. Armonk, New York: M.E.Sharpe, 1997.
- D'INCAO, M. C. **O "bóia-fria": acumulação e miséria**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1975.
- DEERE, C. D.; LEÓN, M. **O empoderamento da mulher: direitos à terra e direitos de propriedade na América Latina**. Tradução Letícia Vasconcellos Abreu, Paula Azambuja Rossato Antinolfi, Sônia Terezinha Gehering. Porto Alegre-RS: Editora da UFRGS, 2002.
- ESPÍRITO SANTO, C. R. **Dinâmica do Desenvolvimento Rural na Região de Araçatuba (SP)**. 2005. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Ciência e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente, 2005.
- FERREIRA JÚNIOR, A. C.; HESPANHOL A. N. Os efeitos das políticas voltadas ao setor sucroalcooleiro no Estado de São Paulo. **Geografia em Atos**, Presidente Prudente, v. 1, n. 6, dez. 2006.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2006.
- HOFFMANN, R.; LEONE, E. T. Participação da mulher no mercado de trabalho e desigualdade da renda domiciliar *per capita* no Brasil: 1981-2002. **Nova Economia**, Belo Horizonte, v.14, n.2, p.35-58, 2004.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censos Demográficos 1970**. Rio de Janeiro: IBGE, 1970.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censos Demográficos 1980**. Rio de Janeiro: IBGE, 1980.

- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Produção Agrícola Municipal 2007**. Rio de Janeiro: IBGE, 2008b.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Produto Interno Bruto dos Municípios**. Rio de Janeiro: IBGE, 2008a.
- KEYNES, J. M. **The general theory of employment, interest and money**. London: MacMillan, 1936.
- KON, A. **A economia política do gênero**: determinantes da divisão do trabalho. *Revista de Economia Política*, v. 22, nº 3, jul./set. de 2002.
- KON, A. A espacialidade da economia brasileira: repercussões nos padrões de distribuição dos rendimentos nos anos 1990. In: XII ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA POLÍTICA, 2007, Campinas. **Anais...** Campinas: SEP, 2007.
- LASTARRIA-CORNHIE, S. Feminización de la agricultura en América Latina y África Tendencias y fuerzas impulsoras. **Debates y temas rurales**, n. 11, p. 01-25, 2008. Disponível em: <http://www.rimisp.org/FCKeditor/UserFiles/File/documentos/docs/pdf/DTR_No.11_Lastarria.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2010.
- LEONE, E. T. Renda familiar e trabalho da mulher na Região Metropolitana de São Paulo nos anos 80 e 90. In: ROCHA, M. I. B. da (Org). **Trabalho e gênero**: mudanças e permanências e desafios. São Paulo: Ed. 34, 2000.
- LOMBARDI, S. P. **Desenvolvimento rural e gênero**: a participação das mulheres na organização de um movimento social, o caso da Crabi-PR. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Agronegócio) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Toledo, 2006.
- MARTINE, G.; PELIANO, J. C. P. **Migrantes no mercado de trabalho metropolitano**. Brasília:IPEA/IPLAN, 1978.
- MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO (MAPA). **Usinas e destilarias cadastradas**. Disponível em: <www.agricultura.gov.br>. Acesso em: 03/06/ 2010.
- MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE À FOME (MDS). **MDS em números**. Disponível em: <www.mds.gov.br>. Acesso em: 20 out. 2010.
- MONTAGNHANI, B. A.; FAGUNDES, M. B. B.; SILVA, J. F. O papel da agroindústria canvieira na geração de empregos e no desenvolvimento local: o caso da Usina Mundial no município de Mirandópolis, Estado de São Paulo. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 39, n. 12, dez. 2009.
- MORAES, M. A. F. de. O mercado de trabalho da agroindústria canvieira: desafios e oportunidades. **Revista de Economia Aplicada**, Ribeirão Preto, v. 11, p. 605-619, 2007.
- MOREIRA, E. R. F.; TARGINO, I.; PENHA, J. P.; PEREIRA, M. P. B. A visão dos atores sociais sobre a crise do emprego rural na Zona Canvieira do Paraíba. **Revista da Abet**, São Paulo, v. 1, n. 1/2, p.21-40, 2001.

- NERI, M. C. O consumidor keynesiano. **Análise Econômica**, Porto Alegre, ano 10, n. 17, p. 37-47, 1992.
- NOVAES, J. R. P. Trabalho nos canaviais os jovens entre a enxada e o facão. **Revista Juris**, Campinas, v. 3, n. 1, mar. 2009.
- OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis- RJ: Vozes, 2007.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Dados e Estatísticas**. Disponível em: <<http://www.who.int/research/es/>>. Acesso em: 6 nov. 2010.
- PEREIRA, A. C. L.; RUMIN, C. R. Mulheres canavieiras: histórias de vida e trabalho. In: XI SEMINÁRIO DO TRABALHO: TRABALHO, ECONOMIA, E EDUCAÇÃO NO SÉCULO XXI. Marília, 2008. **Anais...** Marília: UNESP, 2008. Disponível em: <<http://www.estudosdotrabalho.org/anais6seminariodotrabalho/6seminariotrabalho.htm>>. Acesso em: 23 out. 2010.
- PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (PNUD). **Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil**. Brasília: PNUD/IPEA/Fundação João Pinheiro, 2000.
- RIBEIRO, H.; FICARELLI, T. R. de A. Queimadas nos canaviais e perspectivas dos cortadores de cana-de-açúcar em Macatuba. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v.19, n.1, p. 48-63, mar. 2010.
- ROSADO-NUNES, M. J. Gênero e religião. **Revista de Estudos Femininos**, Florianópolis, v.13, n.2, p. 363-365, 2005.
- ROSEMBERG, F.; AMADO, T. Mulheres na escola. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 80, p. 62-74, fev. 1992.
- ROSSINI, R. E. O trabalho da mulher na agricultura canvieira altamente tecnificada e capitalizada. In: LEMOS, A. I. G. de; ARROYO, M.; SILVEIRA, M. L. (ORGs). **América Latina: cidade, campo e turismo**. São Paulo: CLACSO, 2006.
- SAFFIOTI, H. I. B. Violência de gênero: lugar da práxis na construção da subjetividade. **Revista Lutas Sociais**, São Paulo, n. 2, 1997.
- SCHULTZ, T. **O capital humano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- SCORZAFAVE, L. G.; MENEZES-FILHO, N. Participação feminina no mercado de trabalho brasileiro: evolução e determinantes. **Pesquisa e Planejamento Econômico**, Brasília, v. 31, n. 3, p. 441-477, 2001.
- SCOTT, J. Prefácio a "Gender and Politics of History". **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 3, p.11-27, 1994.
- SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- SHIKIDA, P. F. A.; VIAN, C. E. de F.; LIMA, R. A. de S.; DAHMER, V. de S. Concentração na agroindústria canvieira paranaense pós-desregulamentação setorial. **Informações Econômicas**, São Paulo, v.38, n.9, p.55-67, Set. 2008.
- UNIÃO DA INDÚSTRIA DE CANA-DE-AÇÚCAR (UNICA). **Estatísticas**. Disponível em: <www.portalunica.com.br>. Acesso em: 23 ago. 2010.
- UNIÃO DOS PRODUTORES DE BIOENERGIA (UDOP). **Notícias**. Disponível em: <www.udop.com.br>. Acesso em: 6 set. 2010.
- VALENÇA, V. **Condições de trabalho, produtividade e riscos a saúde do trabalhador na atividade do corte manual da cana: um estudo de caso na usina**

Santa Adélia. 2007. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2007.

ZUCCHI, P.; NERO, C.; MALIK, A. M. Gastos em saúde: Os fatores que agem na demanda e na oferta dos serviços de saúde. **Revista de Administração Pública (Impresso)**, Rio de Janeiro, v. 32, p. 127-150, 2000.

WOODHEAD, L. Mulheres e gênero: uma estrutura teórica. Traduzido por Deborah Pereira. **Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, n. 1, p. 1-11, 2002.